

Discurso e Argumentação na Cobertura Midiática do *New York Times* sobre a Amazônia¹

Bárbara C. COSENZA²

Universidade do Minho, Braga, Portugal

Resumo

Este estudo propõe um olhar sobre o noticiário veiculado pelo jornal estadunidense *The New York Times* sobre a Amazônia, visando apreender perspectivas, valores e juízos implícitos nos discursos estrangeiros sobre a região. A partir do recurso a ferramentas teóricas da análise do discurso e da retórica da argumentação, o exame dos materiais jornalísticos evidenciou o desflorestamento como principal enquadramento discursivo do maior jornal do EUA. Isso implicaria um senso de copropriedade internacional da Amazônia, em virtude dos efeitos globais das mudanças climáticas. Os resultados sugerem a consolidação de um imaginário estrangeiro amazônico polarizado por agentes do desmatamento versus conservacionistas, com tendência à omissão de visões intermediárias ou alternativas.

Palavras-chave: jornalismo; Amazônia; discurso; retórica, *The New York Times*.

Introdução

A Amazônia, desde a era pré-colombiana, é um território de divergências, exponencialmente multiplicadas ao longo de cinco séculos de colonização europeia. No rol de disputas em jogo constam conflitos por terras e por outros recursos naturais entre (descendentes de) indígenas, ecologistas, bioprospectores, biopiratas, agricultores familiares, extrativistas, além de pequenos, médios e grandes produtores de soja e outras culturas, pecuaristas, madeireiros, mineradores, agentes ligados a ONGs, empreendedores, públicos ou privados, de obras de infraestrutura e malha energética, em especial os modais viários e as megasinas hidroelétricas. Isso sem mencionar as zonas urbanas, instaladas há poucos séculos em várias partes da Bacia Amazônica.

Repousa no espaço amazônico 20% da água doce do planeta e o maior banco genético (15% de todas as espécies de plantas e animais conhecidas), além de um enorme potencial econômico, nomeadamente em minérios. Se, por um lado, o grupo multifacetado de atores internos (endogrupo), por si só, torna desafiadora a gestão pública do território, tal tarefa adquire complexidade absurda num cenário em que cidadãos, atores

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade, Universidade do Minho, Braga, Portugal, e-mail: babicosenza@hotmail.com.

e sobretudo lideranças internacionais (exogrupo) têm opinado sobre o assunto, questionando inclusive a legitimidade da soberania brasileira sobre a Amazônia³. Entretanto, numa sociedade e cultura global, em que as causas e principalmente efeitos das atividades antrópicas mostram-se alheias às fronteiras nacionais, entende-se que tal complexidade socioambiental já não se restrinja mais às agendas políticas dos países detentores da Amazônia. A pressão social, a atenção da mídia e os debates políticos relativos ao meio ambiente, como mudanças climáticas, desmatamento, aquecimento global e perda da biodiversidade, têm se ampliado de forma crescente nas últimas décadas, em especial desde a virada do último milênio. Como resultado dessa agenda pública relativamente recente, centrada na discussão sobre os efeitos globais de atividades humanas, como o desenvolvimento industrial e o consumo de bens materiais, os ecossistemas intocados remanescentes tornaram-se grandes alvos dos discursos ecológicos, econômicos e políticos. Nessa ótica, a região amazônica abriga uma das últimas grandes florestas naturais em pé no mundo, sendo, ainda que equivocadamente, designada metaforicamente de “pulmão do planeta”.

Se por um lado os Estados Unidos são atualmente vice-líderes mundiais na emissão de gases de efeito estufa, pouco atrás da China, por outro lado o Brasil desempenha um papel bastante complexo nesse contexto, ainda que figurando entre os sete maiores poluidores do mundo. Proprietário de 60% do território amazônico, um gigantesco sistema natural espalhado por nove nações da América do Sul, o produto interno bruto brasileiro depende em grande escala da agricultura tropical baseada na exportação de *commodities*. Assim, uma variada gama de atores sociais (comunicadores, políticos, ativistas, etc.) mundo afora, em especial oriundos de países desenvolvidos, tem monitorado a competência do Brasil em proteger suas florestas e demais ecossistemas ao mesmo tempo em que o país caminha rumo ao desenvolvimento econômico. Nesse cenário, o noticiário de grandes jornais, como o *The New York Times*, assume um papel preponderante na construção de sentidos e do imaginário externo sobre a região amazônica.

Este estudo objetiva identificar e examinar os discursos midiáticos sobre a Amazônia brasileira veiculados no website do *The New York Times* (NYT), um dos jornais online anglófonos mais acessados nos Estados Unidos e no mundo. A amostra constituiu-se de artigos publicados entre maio de 2014 e maio de 2015. Foram retidos para análise qualitativa apenas os artigos predominantemente focados na Amazônia enquanto espaço geográfico, a partir de 56 itens gerados pela busca “Amazônia”/ “amazônica(o)” + “Brasil” com filtragem para o período mencionado. Foram desconsiderados os resultados com mera citação ao Brasil/Amazônia, e artigos sobre a Copa do Mundo e eleições presidenciais de 2014, nos quais a Amazônia restringiu-se a um assunto secundário ou circunstancial.

³ São exemplos notórios de tais discursos as declarações do ex-presidente russo Mikhail Gorbachev: “O Brasil deve delegar parte de seus direitos sobre a Amazônia aos organismos internacionais”; ou do ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore: “Ao contrário do que os brasileiros pensam, a Amazônia não é só deles, mas de todos nós”. Fonte: <http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/defesa-nacional/razoes-para-a-implementacao-da-estrategia-nacional-de-defesa/brasil-enfrenta-pessoes-internacionais-por-causa-da-amazonia.aspx>. Acesso em set. 2015.

Apesar de os estudos focados na cobertura midiática interna (brasileira) sobre a Amazônia serem razoavelmente numerosos, podem-se citar poucos trabalhos comparativos (cobertura nacional x internacional) ou dedicados exclusivamente ao noticiário estrangeiro sobre a região (Bendix; Lieber, 1991; Castro, 2008; Assumpção et al., 2015; Pereira, 2015). Além disso, a perspectiva retórico-discursiva não foi contemplada em nenhum dos estudos citados, propondo alternativamente um viés complementar.

Pressupostos teóricos do discurso e da argumentação

As notícias jornalísticas devem ser consideradas e analisadas como uma forma de discurso público (Van Dijk, 1988). Um discurso público evidentemente mediado e, por conseguinte, influenciado por uma série de tensões ideológicas e conflitos de interesses. Wodak e Meyer definem discurso como um “conjunto complexo de atos linguísticos simultâneos e sequenciais inter-relacionados, que se manifestam dentro e entre os campos de ação social” (2001, p. 66). Implícitas aos campos da ação social estão as relações, em geral desiguais, de forças. O acesso e controle de informações, “privilegiadas” ou não, e principalmente a legitimação do “poder de fala” de certos atores constituem fatores-chave na manutenção dessa desigualdade (Bourdieu, 1986). Dentre tais atores, tem-se observado que, em se tratando de questões ambientais, os atores políticos, cientistas (sobretudo vinculados a instituições públicas e/ou renomadas), empresários e outros agentes do governo e do desenvolvimento em geral tendem a certo protagonismo no cenário midiático.

Ressalte-se que a ideia de cenário remete implicitamente a encenação, representação, construção. Daí a missão da análise crítica do discurso (ACD) em “relacionar propriedades típicas do micronível da escrita, da fala, da interação e das práticas semióticas a aspectos típicos do macronível da sociedade, como grupos, organizações ou outras coletividades e suas relações de dominação.” (Van Dijk, 2015, p. 9). Do ponto de vista teórico, a análise crítica do discurso (ACD) é a principal perspectiva adotada, já que se dedica a “identificar o conhecimento (válido num determinado lugar e determinado momento) dos discursos e/ou dispositivos, a fim de explorar o respectivo contexto do conhecimento/poder, sujeitando-o a análise crítica” (Jäger, 2001, p.33). Por sua vez, ao argumentar que a linguagem efetivamente cria realidades, Hajer define a análise de discurso como um método para analisar “aquilo que a linguagem faz, a política de sentido que ocorre, o modo com que afeta percepções e cognições, o modo com que distribui mais poder para alguns e menos para outros” (Hajer, 2015). No âmbito de processamento dos materiais do corpus, foram utilizadas algumas das diretrizes analíticas propostas por Siegfried Jäger, notadamente quanto a meios retóricos e declarações ideológicas baseados na argumentação dos textos.

As notícias redigidas para o online podem implicar superficialidade e rapidez, o que “pode ser uma das estratégias mais eficazes de nos esconder o como e o porquê” (Rebelo, 2000, p. 11). Uma vez que a

cultura do *newsmaking* impõe a inclusão prioritária das informações essenciais, as escolhas lexicais e metáforas de manchetes e trechos iniciais fornecem importantes pistas, por exemplo, quanto aos rumos da argumentação ou às relações de poder implícitas nos artigos. Diante do exposto, a abordagem teórica remete, em termos gerais, à ideia de que inexistente “outra opção além de procurar desesperadamente na língua aquilo que está inscrito nas relações sociais onde ela funciona, ou de fazer sociologia sem o saber” (Bourdieu, 1986, p. 14).

Principais enquadramentos e linhas argumentativas

Pelo que se pode depreender da análise do corpus, o tema do desmatamento constitui o principal enquadramento da cobertura jornalística do NYT sobre a Amazônia. Conforme a estrutura editorial do jornal, os artigos em sua maioria foram publicados nas seções “Americas” e “Dot Earth” (blog ambiental do NYT, traduzido livremente por “Terra Ponto Com”), ou não foram identificados a nenhuma editoria, sendo nesse caso vinculados apenas à agência de notícias The Associated Press. A seção “Dot Earth” e as páginas opinativas são assinadas por experts, como notórios cientistas ou ecologistas. Os textos dessas colunas tendem a diferir ligeiramente em teor, estilo e tamanho, embora em geral mostrem bastante consonância com os principais argumentos das notícias. As frases que compõem as manchetes e lides aludem frequentemente aos termos “desmatamento”, “Amazônia” e “Brasil”. Apenas um artigo incluiu um infográfico, no caso reproduzido de um artigo previamente publicado na revista científica norte-americana *Science*. A tendência das matérias foi a de não serem ilustradas, à exceção de uma apresentação de slides acompanhada de breves parágrafos e de uma reportagem especial. Os principais temas concomitantes ou eventualmente associados ao desflorestamento foram a sojicultura e a pecuária na região, bem como a biodiversidade, a população ribeirinha e a seca em São Paulo. As fontes de informação acessadas de modo mais recorrente pelos jornalistas foram cientistas, artigos científicos, políticos, população local da Amazônia e grupos ambientalistas.

O aparato retórico empregado pelo discurso mediático nas notícias, em comparação ao dos artigos de opinião, apresentou dissimulação mais sutil, considerando-se aspectos como: formas de argumentação, lógica e composição dos textos, implicações e implícitos, simbolismos e metáforas, chavões e clichês, estilo e vocabulário, agentes (pessoas) e referências, entre outros (Jäger, 2001). Tais critérios mostram-se ferramentas úteis no intuito de identificar e elucidar os agentes e construções de sentido, em especial aqueles ligados à argumentação.

Em jornais ou sites noticiosos, a argumentação goza de um status privilegiado diante da confiança e autoridade da mídia, funcionando como uma testemunha dos fatos reportados, logo, (re)transmitindo

conhecimento. De acordo com Breton (1996), a autoridade pode corresponder a três padrões de atuação: por competência, por experiência e por testemunho. Nos três casos, as estratégias de argumentação emergem de um mix de discursos dos jornalistas, colunistas e suas fontes. As estratégias de argumentação identificadas no corpus apresentam formas diversas, inclusive dando sustentação a algumas assertivas descritivas. Nesse sentido, práticas de contextualização podem implicar alguma ambiguidade, como citar todo um estado ou país para ilustrar matematicamente as dimensões de uma área. Isso porque, combinadas a outros argumentos, menos técnicos, tais contextualizações exercem potencialmente alguns efeitos persuasivos. A título de exemplo, pode-se alegar unicamente esforço didático do repórter para materializar números nos seguintes trechos: “200 mil metros quadrados, ou uma área quatro vezes o tamanho do Estado de Nova Iorque”; [1.870 milhas ao quadrado] “Isso é um pouco maior do que o Estado de Rhode Island”; ou “uma área duas vezes o tamanho da França” [para 310 milhões de acres]. Entretanto, o estatuto unicamente descritivo dessas comparações pode ser questionado quando tais analogias geográficas vêm acompanhadas de expressões sobre a magnitude (e, implicitamente, a magnificência) do território amazônico, consolidando retoricamente argumentos bastante apelativos. Alguns exemplos disso são “a maior área remanescente de floresta tropical do mundo”; “um dos últimos lugares selvagens do mundo”; ou “nos confins da floresta tropical amazônica”. Ora, a ideia de vastidão natural, associada à impressão de vazio demográfico, acaba igualmente por servir, no âmbito do discurso politicamente correto, aos propósitos da Amazônia como condomínio internacional, região sobre a qual todos os países poderiam deliberar e/ou intervir.

A ênfase na imensidão da Amazônia, por conseguinte, constitui um importante argumento para demonstrar sua complexidade intrínseca, apontando para uma visão holística urgente: “Os desafios de se equilibrar a preservação e o desenvolvimento econômico”; “O desflorestamento é apenas uma dimensão da saúde da Floresta Amazônica”; “Pensamos que os grandes compradores de soja e carne bovina, os produtores locais, grupos ambientalistas e líderes políticos podem reunir-se para desenhar uma abordagem coordenada” [discurso de fonte]. Por outro lado, os povos e remanescentes indígenas são completamente ignorados por repórteres, colunistas e suas fontes, um silêncio surpreendente (visto que a figura do indígena poderia ser usada para, por exemplo, reforçar estereótipos), apesar de algumas populações locais serem citadas brevemente e esporadicamente. A exceção estaria na reportagem sobre pescadores artesanais da Amazônia, na respectiva e ligeira referência ao “lar de aproximadamente 25 milhões de pessoas”, bem como no comentário de que “a mortandade [do pirarucu] deixaria os vilarejos da Amazônia sem meios de sustento”. Fora do contexto dessa reportagem específica, a única menção aos habitantes da Amazônia provém de um artigo de opinião, segundo o qual as “comunidades locais lutam por melhores condições econômicas”, entretanto evita-se entrar em detalhes sobre essa questão.

De fato, quanto mais as lentes do jornal focam cuidadosamente os impactos globais do desmatamento, menores parecem ser as chances de os 25 milhões de habitantes da Amazônia serem incluídos como sujeitos nos debates públicos e, conseqüentemente, receberem atenção da mídia. O mais provável é que tal tendência de apagamento humano seja um efeito da própria cobertura internacional, que quando varia o faz quase abruptamente, do escopo macrorregional ou global para contextos específicos, a exemplo da mencionada reportagem sobre os pescadores do pirarucu. Por outro lado, assuntos como a seca em São Paulo, cuja região metropolitana abriga uma população próxima à da Amazônia Legal (que ocupa 60% do território brasileiro), são mais facilmente noticiados, provavelmente devido ao valor-notícia da notabilidade e proximidade cultural (São Paulo tanto quanto Nova Iorque assemelham-se por serem grandes centros urbanos mundiais).

Resumidamente, o papel global da Amazônia é retratado nos seguintes termos:

A Floresta Amazônica é considerada uma das mais importantes defesas naturais do mundo contra o aquecimento global, devido à sua capacidade de absorver grandes quantidades de dióxido de carbono. A derrubada da floresta tropical é responsável por 75% das emissões do Brasil, devido à queima da vegetação e decomposição das árvores. (“Deforestation increasing in the Amazon”, 04/10/2014).

Logo, o exame das implicações do discurso, combinadas aos implícitos e omissões, mostra uma visível tendência do noticiário em monitorar as taxas de desmatamento no Brasil. Essa função de vigilância é legitimada, dentre outras razões possíveis, por um senso emergente de copropriedade internacional sobre a Amazônia, em virtude dos impactos do uso da terra sobre as mudanças climáticas no globo. Em outras palavras, o desmatamento funciona como o leitmotif dos artigos analisados, sendo o assunto mais citado e inter-relacionado.

Para além de alguns subtemas afins ao desmatamento (financiamento internacional para prevenção, detenção de desmatadores, efeitos ambientais), também a iminência de uma possível guerra climática mostra-se como aspecto bastante atemorizante. Assim, algumas afirmações sugerem que a saúde e a segurança socioambiental dentro e fora da Amazônia dependem da capacidade do poder público em deter tal ameaça: “a água [em São Paulo] está tão escassa que caminhões-pipa têm sido atacados a mão armada”; “estradas [que adentram áreas selvagens] seguidamente abrem uma caixa de Pandora de malefícios ambientais”; “uma brincadeira de gato e rato se dá diariamente entre especuladores de terra e a polícia ambiental [Ibama]”. A situação atinge uma dimensão visivelmente dramática quando os leitores descobrem (inclusive mediante foto ilustrativa) que os agentes do Ibama estão tão perigosamente ameaçados que necessitam de proteção da Polícia Federal.

Uma vez que a ideia de uma guerra climática assenta-se basicamente sobre a influência do clima, de acordo com os materiais examinados, essa noção acaba por inflar a visão estereotipada de um Sul global como área de conflito, violência e insegurança, um legado do imaginário climático desenvolvido pelo

filósofo Montesquieu (Korf, 2010). Certamente, quanto mais a questão do clima global é representada como grande pivô de conflitos presentes e vindouros, maior é a tendência de haver omissão de aspectos tais como consumo ecológico, desenvolvimento sustentável, desigualdades sociais, cidadania, etc. Apesar de que, por si só, a ideia de consumo ecológico representa uma amigável e politicamente correta conciliação entre ecologia e capitalismo, visto que “torna-se cada vez mais arriscado para os negócios estar associado ao desmatamento” (“Brazil posts double win with simultaneous soy boom and deforestation drop”, 05/05/2014).

Metáforas e simbolismos

Inicialmente, pode-se argumentar que as palavras não têm poder imagético nos níveis atingidos por vídeos, fotografias e ilustrações. Por outro lado, convém considerar que os textos escritos, em especial por meio de metáforas e associações simbólicas, podem facilmente ativar imagens mentais nos receptores. Logo, enquanto que as imagens físicas/concretas fazem os receptores *ver*, as imagens metafóricas/textuais os fazem *imaginar* (Ferreira et al., 2008). Isso significa dizer que “os argumentos não são friamente interiorizados, mas sua apreensão também implica uma representação imagética. As cadeias argumentativas tornam-se imagens mentais formadas em conjunto com elementos de uma ordem afetiva” (Ferreira et al., 2008). Ora, fazer os leitores ver ou imaginar por meio de argumentos é algo fundamentalmente possibilitado por simbolismos, analogias e metáforas.

Apesar de as notícias não recorrerem rotineiramente ao uso de metáforas, à exceção de eventuais citações ou discursos das fontes, tem-se algumas pistas sobre como os artigos podem ajudar a moldar o imaginário estrangeiro sobre a Amazônia. “A retórica das notícias não se limita às usuais figuras de linguagem. Em vez disso, usam-se dispositivos estratégicos que melhoram a confiança, a plausibilidade, a correção, a precisão ou a credibilidade” (Ferreira et al., 2008, p. 6). Para além da impactante “caixa de Pandora de malefícios ambientais”, observa-se outras expressões metafóricas no discurso do NYT, a exemplo do artigo opinativo intitulado, no inglês, pela aliteração “Roads to ruin” [traduzido livremente por “Rodovias para a ruína”]. Também são exemplos “tsunami moderno” para megaempreendimentos de infraestrutura, “mártires ambientais”, e “o desmatamento é como um tumor: depois que brota, tende a se espalhar”.

Nos textos informativos também é possível identificar algumas ocorrências de cunho metafórico, rastreáveis tanto a partir do discurso das fontes (“estamos como o Titanic, movendo-se direto para o iceberg”; “tentando barrar um tsunami com um castelo de areia”) e dos jornalistas (“degradado por destruição em mosaico”). De acordo com Van Dijk, uma análise retórica não se dá independentemente de

uma análise semântica e ideológica do discurso noticioso, já que as notícias reproduzem e promovem implicitamente as opiniões dominantes da elite (Van Dijk, 1988). De fato, tais metáforas e analogias contribuem não somente para criar sentidos por meio de imagens, uma vez que ajudam a construir e/ou solidificar imaginários coletivos, logo moldando significados restritos e programados. No entanto, nota-se facilmente o quanto vieses ideológicos normalmente funcionam em afirmações literais e ordinárias. Ao citar um estudo científico conduzido por uma equipe multidisciplinar, um dos repórteres do NYT conclui: “A Amazônia pode estar mais próxima de um ponto crítico do que o governo tem admitido e as alterações na região poderiam ser uma ameaça aos climas ao redor do mundo”. “Cientistas americanos elogiam este estudo”, acrescenta o texto, apresentando o parecer de um expert norte-americano em secas, por conseguinte conferindo legitimidade à fonte documental. É na sutileza de tais colocações que se expressam relações de poder e de dominância, conforme propõe Bourdieu.

Entretanto, pontos de vista hegemônicos e eventualmente contra-hegemônicos não se restringem ao universo midiático. Não somente certos atores e eventos relativos à Amazônia espontaneamente lembram um enredo de ficção. Todavia, mesmo o modo pelo qual a região é representada na mídia tende a aproximar seus vilões (madeireiros, mineradores, pecuaristas e todos tipos de agentes de desmatamento) e heróis [ativistas (“mártires”), agentes do Ibama, cientistas (em especial do clima), (alguns poucos) políticos, etc.] a um drama quase épico, uma espécie de *Avatar* em cenário real.

Cabe ressaltar, igualmente, a ambiguidade com que atores políticos tendem a ser descritos nas notícias analisadas, variando de alusões como o “poderoso lobby agrícola brasileiro” ao “governo agarrou com os dentes suas leis ambientais e enviou agentes armados à selva para travar o desmatamento por fazendeiros, sojicultores e especuladores de madeira”. Além disso, o noticiário mostra que o “lado negro da força” pode ser assumido por profissionais de “colarinho branco”, conforme o seguinte trecho referente ao Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDS) e o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB, em inglês): “a ganância [dessas instituições financeiras] tornou-se decisiva para a infraestrutura global”. Evidentemente, uma expressão assim tão livre provém de um artigo opinativo, todavia há indícios de construções semelhantes, ainda que atenuadas, nos textos informativos, conforme exposto acima. De modo geral, a representação da Amazônia pelo NYT, ao menos durante o período analisado, pouco consegue superar as tradicionais percepções e estereótipos na linha de “pulmão do planeta”, “último paraíso”, “El Dorado” e “arena climática”.

Considerações finais

O desmatamento e seus efeitos nas alterações climáticas globais tendem a dominar os recentes e atuais discursos do NYT sobre a Amazônia brasileira. Tal atitude é bastante compatível com um senso global de copropriedade internacional sobre a Amazônia, explicando parcialmente o enquadramento do principal assunto noticiado, a saber: as taxas de acréscimo ou decréscimo no desflorestamento. Essa oscilação simboliza, implicitamente, a instabilidade e a discórdia entre os vilões e os heróis amazônicos. Ora, um cenário polarizado propicia insatisfatoriamente voz e espaço em debates públicos aos 25 milhões de habitantes amazônicos, muitos desses dependentes de soluções tecnológicas sustentáveis e economicamente viáveis para preservar o meio ambiente. Assim, ao valorizar e, sobretudo, singularizar os discursos de atores políticos, cientistas, ativistas e grupos econômicos, a cobertura sobre o tema indiretamente pouco encoraja o engajamento público e cidadão. Mais do que isso, expressa argumentos consonantes à incompetência brasileira de gerir o território, visto que o noticiário pauta-se pela destruição, conflito e impacto global. Entretanto, estudos adicionais e expandidos fazem-se necessários a fim de se elucidar melhor a relação da mídia, em especial a estrangeira, com a apropriação social da questão amazônica. Nessa ótica, mostram-se cruciais aspectos como o papel do discurso científico na mídia, o entendimento público da ciência, os inputs à construção/fixação do imaginário amazônico internacional, e as relações de poder em jogo a partir dessas e outras variáveis.

Referências bibliográficas

- ASSUMPCÃO, D. et al. Amazônia no New York Times em 2012. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v.12, n.1, pp. 175-185, 2015.
- BENDIX, J; LIEBLER, C. Environmental degradation in Brazilian Amazonia: Perspectives in US news media. **Professional Geographer**, v.43, n.4, pp. 474-485, 1991.
- BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire** : l'économie des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1982
- BRETON, P. **L'argumentation dans la communication**, Paris: La Découverte, 1996.
- CASTRO, C. O Príncipe e seu tradutor: estado, comunicação e ambientalismo na Europa. **Teoria & Pesquisa**, 19: 100-120, 2008. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/153/117>. Acesso em 08 jan. 2016.
- HAJER, Maarten. Blog do Prof. Dr. Maarten Hajer. Disponível em: http://www.maartenhajer.nl/?page_id=14 Acesso em: set. 2015.
- JÄGER, Siegfried. 'Discourse and knowledge: Theoretical and methodological aspects of a critical discourse and dispositive analysis'. In: R. Wodak and M. Meyer (eds), *Methods of Critical Discourse Analysis*, London: Sage, pp. 32-62, 2001.
- KORF, Benedikt. 'The imaginative geographies of climate wars'. In: Regional Environmental Governance (REGov) Conference, Panel on Regional Security and the Environment: Geneva, 2010.

FERREIRA, Ivone; PRIOR, Helder & BOGALHEIRO, Manuel. “Em defesa de uma retórica da imagem”. In: *Revista Digital de Retórica*, (Rhêtorikê #0), UBI (Labcom), 2008. Disponível em Biblioteca Online de Ciências do Comunicação:

PEREIRA, Lúcia. “Notícias da Amazônia: A cultura hegemônica das televisões portuguesa e brasileira”. Tese de doutoramento em Pós-colonialismos e Cidadania Global (Departamento de Sociologia; Faculdade de Economia). Universidade de Coimbra, Portugal, 2014.

REBELO, José. *O Discurso do Jornal. O como e o porquê*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

VAN DIJK, Teun. *News as Discourse*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2015.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael (ed.). *Methods of Critical Discourse Analysis*, London: Sage, 2003.

